



A CASA VIMARANENSE - ANÁLISE E PROPOSTA DE REABILITAÇÃO PARA UMA HABITAÇÃO

**SILVA, Marisa Daniela Cardoso (1); LANZINHA, João Carlos Gonçalves (2);
SANTIAGO, Miguel (3)**

(1) Universidade da Beira Interior, marisadanielacardososilva@hotmail.com

(2) Universidade da Beira Interior, joao.lanzinha@ubi.pt

(3) Universidade da Beira Interior, miguelsantiago@gmail.com

RESUMO

É pela calçada, do Centro Histórico de Guimarães em Portugal que se vai percorrendo as ruas sinuosas, com um traçado tipicamente medieval, desvendando as suas habitações entre um jogo de reentrâncias de fachadas, como se de uma manta de retalhos se tratasse. A cada porta, a cada vaso a florescer nas estreitas varandas se frui do peso dos séculos que passaram, mas que ainda estão tão minuciosamente conservados. Os esforços para a reabilitação deste centro, que é classificado como Património da Humanidade pela UNESCO, visam manter a sua autenticidade. Porém, para que este património construído seja recuperado de forma autêntica é necessário perceber as técnicas construtivas tradicionais e os materiais utilizados. De forma a serem aplicados estes conhecimentos numa proposta de reabilitação para uma habitação é efetuado primeiramente um estudo aprofundado às questões estruturais e materiais, tais como as estruturas primárias e secundárias, caixilharias e consequentes materiais. Este estudo tem por base a obra "Diálogos de edificação - estudo das técnicas tradicionais de construção", Centro Regional de Artes Tradicionais, 1998.

Palavras-chave: Habitação tradicional, Reabilitação, Centro histórico, Guimarães, UNESCO

ABSTRACT

It is on the sidewalk of the Historic City Center of Guimarães in Portugal that goes through the sinuous streets, with a typically medieval planning, unveiling its buildings between a recesses façades game, as if it was a patchwork blanked. At each door, at each flower blooming on the narrow balconies feels the weight of the centuries that have passed by but, at the same time, so meticulously preserved. The efforts to rehabilitate this city center, that it is classified as World Heritage by UNESCO, aim to maintain its authenticity, whether formal or functional. However, for this built heritage to be recovered in an authentic way it is necessary to understand the traditional construction techniques and the materials used. In order to apply this knowledge in a rehabilitation proposal for a traditional house in the historic city center it is required a study of structural issues such as primary and secondary structures, frames and consequent materials. This study is based on the book "Diálogos de edificação - estudo das técnicas tradicionais de construção", of Centro Regional de Artes Tradicionais, 1998.

Keywords: Traditional House, Rehabilitation, Historic City Center, Guimarães, UNESCO

1 INTRODUÇÃO

A história do Centro Histórico de Guimarães (CHG) podia ser contada pela melodia inerte a cada ranger das madeiras das suas de portas e janelas que assentam nas pedras graníticas, aparadas e colocadas meticulosamente. Quem está de fora, não consegue perceber a

imensidão até que penetre nas suas paredes e veja pelas suas fissuras. Imagine-se que a cada porta que se abre é um passo na descoberta dos longos séculos de história que se tenta com tanto esforço salvaguardar.

“Em verdade há que defender, teimosamente, a todo custo, os valores do passado, mas há que defendê-los com uma atitude construtiva, quer reconhecendo a necessidade que deles temos e aceitando a sua atualização, quer fazendo-os acompanhar de obras contemporâneas” (Távora, 2006)

Em 2011, o Centro Histórico de Guimarães foi considerado Património da Humanidade pela UNESCO honrando o esforço coletivo de manter vivo o património edificado que é o testemunho da herança cultural e social que perdura até os dias de hoje. Este esforço de requalificação resulta num trabalho contínuo para e com os moradores deste centro, seja a nível do espaço privado ou do espaço público, valorizando sempre questões identitárias construtivas, como as técnicas e materiais tradicionais. A habitação, ainda que numa escala menor, é a concretização de um passado que ainda perdura e que se recupera acompanhando os desenvolvimentos sociais.

É neste contexto que surge a motivação de se perceber o sistema construtivo tradicional vimaranense, de forma a reabilitar um edifício habitacional para que, com novas vivências, seja acrescentado mais um capítulo à história centro histórico de Guimarães.

2 A CASA VIMARANENSE- ESTUDO DAS TÉCNICAS CONSTRUTIVAS TRADICIONAIS

“Neste centro histórico ainda se pode fruir a história e a atmosfera medieval dos primórdios da nacionalidade. O seu urbanismo intramuros conserva as ruas estreitas e tortuosas delineadas nos séculos XIV e XV” (Sacadura, 2006)

Para se compreender a evolução construtiva da habitação considerada tipicamente vimaranense é necessário perceber primeiramente que a mesma resulta de um processo de várias transformações desde as primeiras fixações no território, as preocupações medievais, e as alterações económicas, sociais e construtivas que foram acontecendo até à atualidade.

Com o decorrer dos séculos, a mão-de-obra foi-se qualificando, desde os mestres pedreiros, e atualmente existe formação e investimento de forma a qualificar profissionais que possam trabalhar nesta construção identitária do centro histórico de Guimarães. É assim que surge a necessidade de serem aprofundadas as questões estruturais e materiais que compõem uma habitação, tais como as estruturas primárias, estruturas secundárias, materiais e caixilharias.

Este estudo (Silva, 2018) tem como fundamento o trabalho conjunto com o Gabinete Técnico Local da divisão do Centro Histórico de Guimarães, visitas a obras e a publicação "Diálogos de edificação - estudo das técnicas tradicionais de construção", Centro Regional de Artes Tradicionais, 1998.

2.1 Estruturas Primárias

As estruturas primárias representam o conjunto de todas aquelas que formam a estrutura principal, de delimitação da construção e de suporte para todas as restantes estruturas, ou seja, as paredes de meação, desde os pisos superiores ao rés-do-chão e do telhado.

No caso do centro histórico de Guimarães, a estrutura das paredes de meação das habitações são geralmente a combinação de alvenaria de granito galheiro aparelhado e taipa de rodízio.

A taipa de rodízio (Figura 1) resulta, no sentido literal da palavra, da fusão dos materiais que a constituem, resultando numa estrutura de madeira cujo os vãos são preenchidos por tijolo maciço e argamassa. Habitualmente, a alvenaria de granito galheiro é aplicada nos pisos térreos (Figura 2) enquanto a taipa de rodízio ocupa os pisos superiores. No entanto, existem casos em que o granito é utilizado noutros pisos, podendo mesmo compor toda a parede de meação. As pedras graníticas são assentes em argamassa de cal, areia e saibro, formando paredes com espessura entre 30 a 60 centímetros.

É acima das paredes das fundações que se sobrepõem as paredes em alvenaria de granito e consequentemente de taipa de rodízio, até à cobertura. As paredes em granito efetuam-se pelo aparelhamento das pedras irregulares, com a intenção de criar uma base uniforme, e as arestas podem ser aperfeiçoadas com a finalidade de lhes tirar as rugosidades e maiores irregularidades.

Figura 1 – Parede em taipa de rodízio



Fonte: Arquivo GTL, 2011

Figura 2 – Obra em habitação do centro histórico de Guimarães



Fonte: Arquivo GTL, 2011

Nas paredes em taipa de rodízio assentam-se vigas horizontais a todo o comprimento nas paredes de granito que servem, conjuntamente, de suporte às paredes e de encaixe para as vigas de apoio do soalho. Posteriormente, estas devem ser travadas com pedra miúda e argamassa. Os barrotes de madeira no sentido vertical definem o pé direito e suportam o teto. Para a concretização da parede fixam-se, na base e no topo, vigas a prumo de 12 x 12 centímetros e distanciadas cerca de 50 centímetros. Nesta estrutura da parede pode optar-se por vigas a prumo sem qualquer travamento entre elas, apoiadas somente nas extremidades, ou vigas a prumo com travamento, podendo este ser múltiplo (Figura 3) ou simples (Figura 4) (o travamento múltiplo é na perpendicular e em cruz enquanto o travamento simples é na diagonal, em forma de N). De forma a preencher os espaços vazios entre as vigas, assenta-se o tijolo maciço com argamassa. Para que a parede resulte como um todo e que o tijolo encaixe mais facilmente na madeira este deve conter um corte lateral em V (Figura 5), garantindo que o tijolo e a argamassa não se soltem da restante estrutura e formando uma junta tipo 'macho-fêmea' com a madeira.

Seguindo a prática tradicional de construção, antes de se aplicar o reboco e que para este agarre melhor, deve-se golpear levemente a madeira, porém, este método pode também ser substituído pela colocação de uma rede, usualmente chamada de rede de galinheiro, conferindo uma maior estabilidade ao reboco e simplificando o pretendido.

A estrutura para a cobertura também é considerada primária. Maioritariamente, os telhados dividiam-se entre duas ou quatro águas,

mas com a evolução das estruturas as coberturas tornaram-se mais complexas.

Figura 3 – Travamento múltiplo, em cruz



Fonte: Arquivo GTL, 2005

Figura 4 – Travamento simples, em N



Fonte: Arquivo GTL, 2011

Figura 5 – Tijolo maciço



Fonte: Autor, 2017

Com uma estrutura mais simples, as coberturas de duas águas apoiam as suas vigas nas paredes de meiação e sobre estas é pregado o varedo e transversalmente o ripado que suporta a telha. As coberturas de quatro águas apresentam uma estrutura mais complexa visto que, a sua armação apoia na parede de meiação através de uma viga transversal (linha) e duas vigas dispostas em tesoura (pernas). Estas vigas em tesoura unem-se a meia madeira na parte superior e são, normalmente, travadas com outra viga pequena e na transversal (nível). O tipo de telha a utilizar é outro fator que pode influenciar a estrutura do telhado. Com a introdução da telha Marselha conseguiu-se maiores pendentes e maior aproveitamento do vão da cobertura, promovendo assim a sua utilização, na maior parte do edificado do centro histórico de Guimarães, em telhados de duas águas.

2.2 Estruturas Secundárias

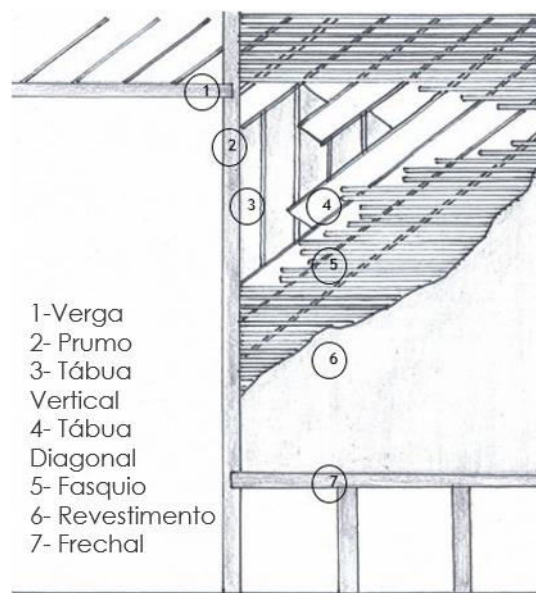
As estruturas secundárias não constituem o suporte principal da construção, porém continuam a servi-la a nível da forma, organização e suporte dos restantes componentes integrantes do edifício. Fazem parte destas estruturas as paredes das fachadas, ressaltos sobre a rua, paredes e escadas interiores, claraboias e águas furtadas.

Nas casas do centro histórico, quando existem acrescentos de pisos são construídos em tabique, que difere das paredes de meiação. Estas paredes em tabique são também designadas como taipa de fasquio (Figura 6). Esta tipologia pode ser aplicada em paredes interiores e exteriores, caso se trate da continuação da fachada em granito e rodízio

e seja um piso avançado ou recuado acrescentado posteriormente. Existem dois tipos de paredes em tabique: as paredes de tabique simples e as paredes de tabique simples reforçado. As paredes de tabique simples formam-se através de uma estrutura em tábuas de madeira, colocadas a prumo com espaçamento de 1 metro entre si e é apoiada nas vigas dos pisos ou nos frechais (barrotes de madeira sobre o soalho), caso estejam assentes em paredes de pedra. As paredes de fasquio simples reforçado funcionam como dupla face sendo que é aplicado o tabuado em diagonais opostas em cada uma das faces, ou umas na vertical e outras na diagonal. Se existirem prumos entre o tabuado é possível utilizar materiais com potencialidade térmica, tornando este tipo de parede o ideal para fachadas.

A construção de um balcão ou um ressalto dos pisos superiores sobre a rua pretende ganhar espaço interior para uso da habitação. Existem ainda os passadiços que são construídos como um piso normal e fazem a travessia entre casas de lados opostos das ruas pedonais, apoiando vigas em cada uma das casas. Essencialmente, as paredes interiores representam a função de compartimentar o espaço habitável, funcionando algumas como suporte para a caixa de escadas interiores. As paredes da caixa de escadas diferenciam-se pelo seu encaixe com a estrutura das escadas e interrompem o vigamento do piso para serem fixadas. Habitualmente, em Guimarães, as escadas interiores são de um ou dois lanços, em madeira.

Figura 6 – Esquema do interior de uma parede de taipa de fasquio



Fonte: Autor, 2017

Quanto à localização, a caixa escadas aparece num ponto central ou então, se forem de um só lanço, encostadas a uma das paredes de meação da habitação. Construtivamente, os lanços das escadas apoiam-se em duas vigas, denominadas de pernas, uma em cada extremidade e caso estes sejam demasiado largo pode ser necessário uma terceira viga a meio do lanço

Por último, as claraboias podem assumir várias formas e desenhos, dividindo-se em formas retas, circulares ou elípticas. Caso a base seja de forma quadrada ou retangular surge no decorrer das águas da cobertura e pode ser conseguida por telhas de vidro, por um caixilho colocado sobre a claraboia seguindo a pendente da cobertura, ou no plano da cobertura. Se a claraboias forem circulares ou elípticas acrescentam alguns barrotes nos cantos para originar a forma. Pela parte exterior, o tambor da claraboia pode ser revestido com telha assente em argamassa ou chapa zincada.

2.3 Caixilharias

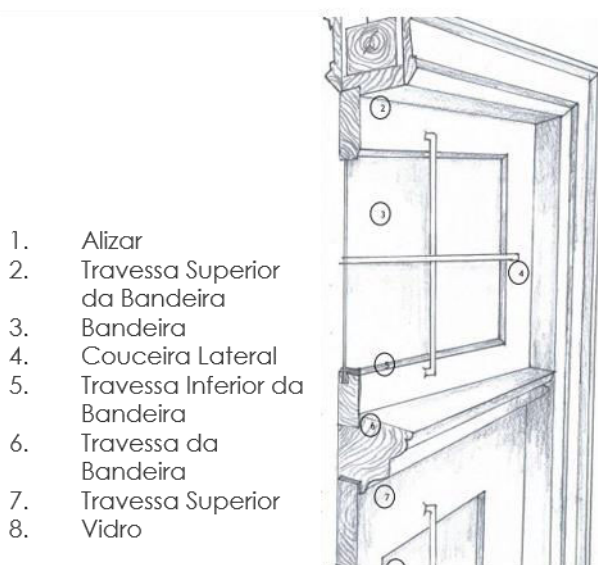
Inicialmente, surgem como simples portadas de madeira que se foram desenvolvendo ao longo dos séculos através de um progresso técnico e ornamental e da introdução de novos materiais, como o vidro. Estes fortes elementos são capazes de organizar espaços, definir acessos e conferir maior qualidade espacial e habitacional, dado que possibilitam a entrada

de luz e ventilação de ar. Os desenhos esquemáticos apresentados de seguida fazem parte do mapa de vãos da proposta de reabilitação habitacional a desenvolver.

2.3.1 Caixilharias Exteriores

As portas de acesso à casa, seja pela rua ou pelo logradouro, por motivos de segurança seriam mais resistentes, com um peso elevado e de uma única folha onde apareciam as almofadas quadradas e regulares. Com o final do século XIX, é generalizada a utilização da porta de duas folhas, mais estreitas, que podia ser totalmente fechada ou exibir pequenos postigos envidraçados, móveis e protegidos com uma grade pelo lado exterior. Mais tarde, aparecem também portas rematadas por uma bandeira, usualmente com um caixilho fixo (Figura 7).

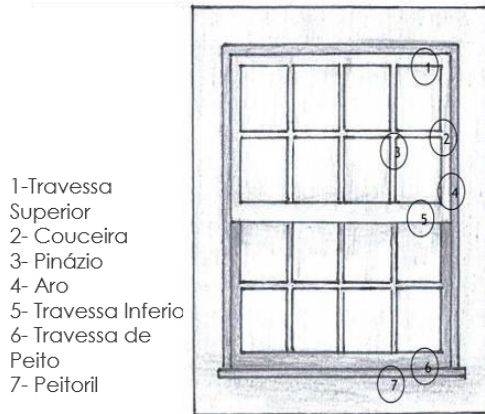
Figura 7 – Esquema em corte de uma porta, de duas folhas com bandeira



Fonte: Autor, 2018

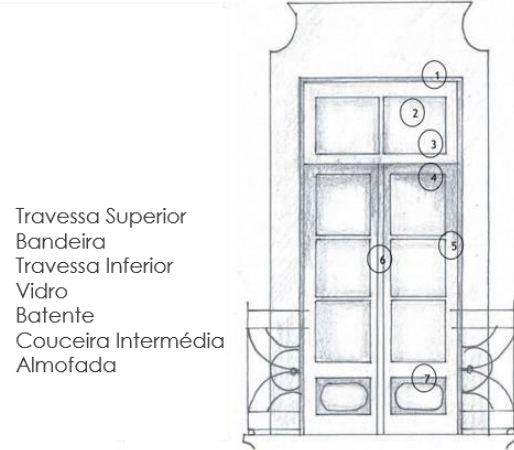
As janelas de peito (Figura 8) e as janelas de sacada (Figura 9), a nível construtivo, são diferentes pelas suas dimensões e pela existência de almofadas nas janelas de sacada, sendo estas de batente, enquanto as janelas de peito podem ser de batente ou de guilhotina. Habitualmente, os caixilhos de abrir são encimados por uma bandeira de caixilho fixo e enquanto estes apresentam uma esquadria de couceiras e travessas e são preenchidos com vidro e almofadas, os caixilhos das bandeiras apresentam apenas por uma esquadria de couceiras e travessas.

Figura 8 – Esquema de janela de peito



Fonte: Autor, 2018

Figura 9 – Esquema de janela de sacada



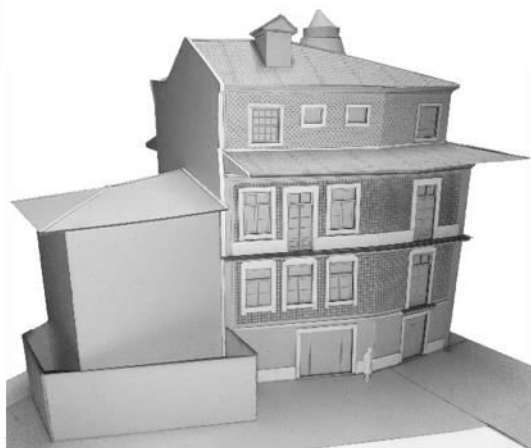
Fonte: Autor, 2018

3 PROPOSTA PARA REABILITAÇÃO HABITACIONAL

É a renovada Praça de Donães que ladeia o majestoso edifício do seguinte caso de estudo prático (Figura 10). A presença deste edifício é inegável pois, com quatro pisos apresenta-se como um palacete burguês típico do século XIX, marcado por uma claraboia com um grande lanternim. Insere-se num quarteirão de três frentes e uma empena lateral, onde existe um edifício adjacente de três pisos. Após a perceção da construção típica vimaranense, pretende-se uma proposta de reabilitação mantendo a função habitacional e garantindo uma resposta aos novos padrões e necessidades atuais. Numa primeira aproximação, a nível estrutural, percebe-se que as paredes são em alvenaria de granito até ao nível do terceiro piso e o interior conseguido em taipa de fasquio. O quarto piso é construído em taipa de rodízio e poderá tratar-se de um aumento posterior à construção inicial. À medida que se avança pelo interior (Figura 11), quase místico, deste edifício, com a imponente claraboia a orientar a luminosidade pela caixa de escadas percebe-se que o espaço é bastante compartimentando, revelando um elevado conjunto de salas.

O fundamento desta proposta de reabilitação habitacional é respeitar o pré-existente num expoente máximo passível de preservar a identidade do edifício e as próprias memórias que foi albergando ao longo dos anos de quem passava nele e por ele. Assim, o piso térreo, e seguindo a linguagem das habitações típicas do centro histórico de Guimarães, será destinado a duas zonas comerciais. Uma das quais abre para a Praça de Donães e a outra para o lado oposto da rua onde também existe este tipo de comércio. Propõem-se entradas autónomas para cada espaço comercial e outra para a habitação.

Figura 10– Maquete da habitação



Fonte: Autor, 2018

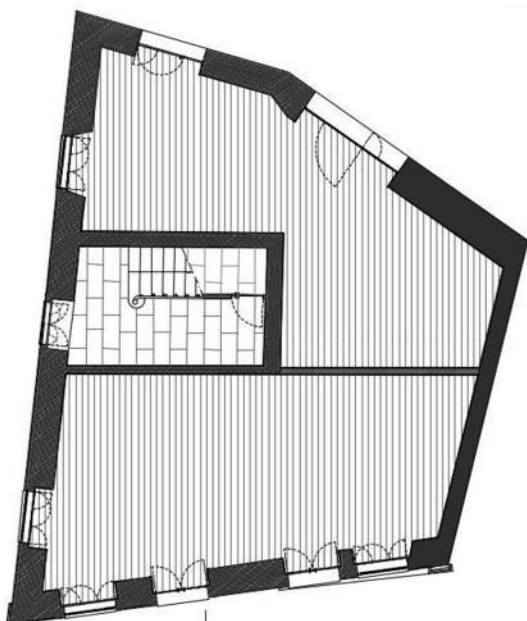
Figura 11 – Interior da habitação



Fonte: Arquivo GTL, 2011

O primeiro andar, acolherá os espaços de caráter social. Pretende-se um espaço fluido entre a zona da cozinha, da sala de jantar e da sala de estar. Estas transições de espaços são marcadas pela altura dos tetos e pela lareira que, como uma parede, tanto divide as salas como oferece alguma privacidade à sala de estar. Contrapondo-se à esta zona, propõe-se ainda um escritório com um grande janelão para o patamar das escadas, e uma instalação sanitária de serviço. Em todos os andares, existe um hall no patamar de chegada que divide a habitação em dois lados. Neste andar, o hall divide a zona de escritório e das salas, sendo que entre este e o escritório existe outro de dimensões inferiores, que é mais privado e dá acesso direto à cozinha e à instalação sanitária. O segundo andar destina-se às zonas privadas. Seguindo a mesma linguagem, propõe-se uma suite, dois quartos, uma instalação sanitária completa e uma zona para lavandaria. Esta instalação sanitária distingue-se por se dividir em dois patamares sendo um, a uma cota superior, dedicado a banhos com uma zona de duche e uma banheira. A estrutura de madeira que consegue o avançado onde encosta a cama serve como zona técnica para a recuperação e caminho de distribuição do ar quente proveniente da lareira do primeiro andar para os restantes pisos. Por último, no último piso propõe-se um quarto, uma instalação sanitária completa e um salão didático, que se divide entre uma sala de estudo e outra de jogos. A compartimentação original é mantida pelo aproveitamento das paredes interiores, onde agora surgem novos espaços. No último piso, existe um vão, que apesar de não ser acessível, permite a permeabilidade luminosa para o interior da sala de estudo.

Figura 12– Planta Piso 0



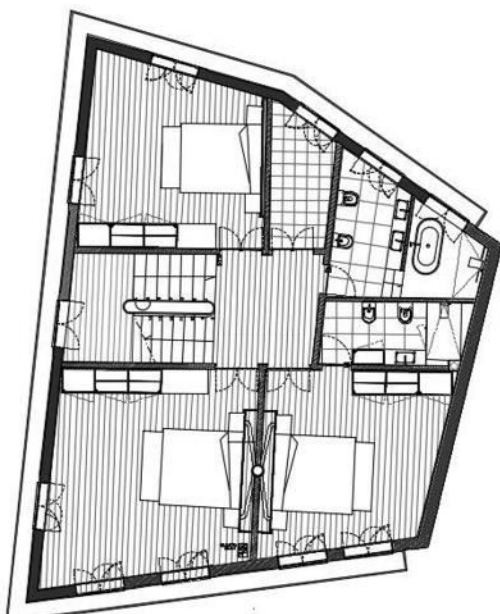
Fonte: Autor, 2018

Figura 13– Planta Piso 1



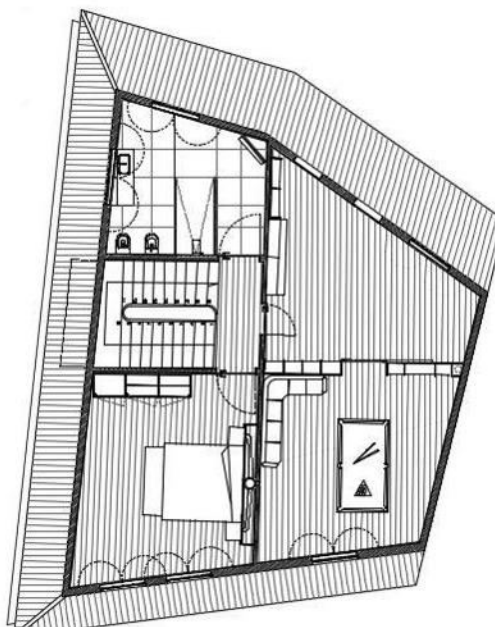
Fonte: Autor, 2018

Figura 14– Planta Piso 2



Fonte: Autor, 2018

Figura 15– Planta Piso 3



Fonte: Autor, 2018

3.1 Elementos Primários e Secundários

Quanto ao sistema construtivo propõe-se a manutenção, sempre que possível, do existente assim, tanto as paredes das fachadas, construídas em granito, como as paredes interiores, construídas em taipa de fasquio serão preservadas. A introdução de novas paredes interiores seguirá a mesma ordem, ou seja, definir-se-ão em taipa de fasquio. Pelo exterior, a estrutura da varanda será mantida assim como os gradeamentos, que serão reparados, mantendo o mesmo aspeto e desenho. Relativamente à cobertura, mantendo o mesmo fio condutor, será reforçada a sua estrutura e substituídas as vigas e barrotes que já não se encontrem em bom estado. Propõe-se a utilização de poliestireno extrudido de forma a garantir o devido isolamento. A telha será substituída por telha cerâmica, tipo canudo de cor natural. Os caleiros e tubos de queda, assim como os rufos, serão também substituídos por novos de chapa zincada que terá o acabamento de cor branca. Por último, a estrutura da claraboia será reforçada e o seu lanternim será renovado e revestido, na base, com a mesma telha que a restante cobertura.

3.2 Revestimentos

Ao nível das fachadas, pretende-se manter os azulejos e os soletos da ardósia serão restaurados e/ou substituídos mantendo a mesma paleta de cores. Os soletos de ardósia revestem o último piso e enquanto que na fachada virada para a praça as peças são divididas de branco e azul

Figura 16– Exemplar de soleto de ardósia



Fonte: Autor, 2018

Figura 17– Régua de tons de tinta de óleo



Fonte: Autor, 2018

(Figura 16) as restantes são da mesma tonalidade, entre si.

3.3 Caixilharias

Nas três fachadas, as caixilharias de madeira serão substituídas por outras com o mesmo desenho de esquadrias e caixilhos, de tom branco. Quanto às caixilharias interiores deverão ser mantidas e restauradas, quando assim

for necessário. A cor escolhida é um amarelo ocre (Figura 17), de tom claro, semelhante ao existente, de tinta de óleo.

Todas molduras e rodapés deverão ser pintados da mesma cor de forma a unificar a imagem ao longo da habitação. As portadas deverão ser restauradas e com almofadas semelhantes às portas interiores, deverão ser pintadas da mesma cor pelo interior e de branco pelo exterior, que é a cor das caixilharias exteriores.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde cedo que Guimarães se destacou no trabalho de reabilitação e valorização do seu Centro Histórico. Com a intervenção do Gabinete Técnico Local percebe-se que o trabalho é desenvolvido lote-a-lote, intervindo e influenciando mentalidades. Apesar de ser necessário (re)pensar-se em novas soluções técnicas que respondam a preocupações como a sustentabilidade do edifício, níveis de ruídos e térmica percebe-se que estas devem e podem conviver harmoniosamente com o sistema construtivo tradicional aplicado, deixando o desafio de evolução e desenvolvimento constante. É importante tentar incessantemente rejuvenescer esta zona histórica, para que se encha de novas famílias que desfrutam do edificado, do espaço público e que estimulam a economia local, tornando o espaço cada vez mais atrativo.

REFERÊNCIAS

SACADURA, JOÃO PAULO. **Património da Humanidade em Portugal**. Lisboa: Editorial Verbo, 2006.

SILVA, MARISA D. C. "**Identidade cultural – a casa do centro histórico de Guimarães**".2018. Dissertação (Mestrado Integrado em Arquitetura), Universidade da Beira Interior, Portugal

TÁVORA, FERNANDO. **Da Organização do Espaço**. Porto: FAUP Publicações, 2006.